

MÉTODO DE ENSINO DE HUGO DE SAINT VICTOR

MICHELLE CRISTINA IRIE (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ).

Resumo

O objetivo é fazer uma análise pedagógica da obra “Didascálicon– Da arte de ler”, escrita por Hugo de Saint Victor no século XII. Para tanto, se faz necessário entender, ao menos em linhas gerais, os acontecimentos históricos do período da obra: como esta expressou as grandes transformações que a sociedade ocidental sofreu no século XII, uma vez que pensamos os processos educativos sempre vinculados à sua época, ou seja, ao seu contexto histórico. Em “Didascálicon– Da arte de ler”, Saint Victor explicita a necessidade do homem em buscar novos conhecimentos e a compreensão do que seria o próprio saber, instiga seus alunos para a indagação, a disputa, o debate, para as incertezas do conhecimento da natureza que principiava a ganhar corpo no ambiente intelectual que se desenvolvia nas escolas. O homem busca uma nova forma de aprender, além do trivium e do quadrivium, em função de sua nova vida na cidade, às novas atividades. Saint Victor permite que compreendamos o caráter humano no processo educativo, que para aprender é necessário etapas e sistematização. Nesta obra o autor ensina ao aluno um método de estudo, discorre a respeito de como se fazer uma leitura, comenta que uma boa leitura pode trazer a sabedoria, a iluminação e a importância da memória e da história na interpretação de um texto.

Palavras-chave:

Idade Média, século XII, educação.

Este trabalho[1] tem como questão central analisar a obra *Da arte de ler* de Hugo de Saint Victor, entendendo como a filosofia de Saint-Victor do século XII expressou as as tendências que apontavam para a formação de uma nova forma de ensino.

Para desenvolvermos este trabalho utilizaremos o método histórico de análise, pois consideramos de suma importância compreender os processos educativos a partir de sua estreita relação com os acontecimentos históricos que marcam sua época. Ressaltamos, ainda, sob este aspecto, que utilizaremos fonte primária (a obra *Didascálicon: da arte de ler*, de Hugo de Saint Victor) e fontes secundárias que se constituem em intérpretes da medievalidade (especialmente historiadores franceses e brasileiros que se dedicam ao estudo do período).

Acreditamos que nosso trabalho, se justifica porque entendemos que um estudo mais aprofundado sobre modelos educativos que vigoraram no passado é extremamente oportuno para nós professores, ao menos sob dois aspectos essenciais: o do saber e o da prática.

No que diz respeito ao universo do saber, consideramos de suma relevância conhecer autores e propostas vivenciadas pelos homens, pois sempre aprendemos muito com elas, especialmente se os considerarmos dentro de seu universo histórico próprio. Dito de outro modo, não o consideramos nem como algo inútil, que deve ser descartado, nem tampouco como detentores da verdade, mas simplesmente como escritos, propostas, homens que viveram em períodos distintos do nosso e que buscaram caminhos para seus problemas, inclusive os da educação. Em última instância, conhecê-los para sabermos que nós também, hoje, não somos a verdade e tampouco a negação do conhecimento passado. Além disso, conhecê-los implica em saber como eles pensaram e agiram diante de suas encruzilhadas.

Dentro desta perspectiva, Hugo de Saint Victor é um autor importante pelo fato de que uma de suas maiores preocupações foi procurar entender e definir os conceitos que formam os homens do século XII.

Para este estudo é necessário entender os acontecimentos históricos que deram origem as idéias do Mestre Vitorino, uma vez que pensamos os processos educativos sempre vinculados à sua época, ou seja, ao seu contexto histórico.

Visto que as comunas do século XII é filha do feudalismo, Guizot em sua *obra História da Civilização na Europa* (1907) coloca que no período feudal "vimos manifestarem-se os primeiros assomos da imaginação européia, os primeiros ensaios de poesia, de litteratura , os primeiros prazeres intellectuaes experimentados pela Europa" (GUIZOT, 1907: 143).

Para isso buscamos, primeiramente sobre o surgimento das comunas no século XII e, a esse respeito Oliveira e Mendes (2005) nos traz o texto de Thierry, relatando como que os servos, por meio da força, buscaram a libertação das comunas contra os seus senhores.

Um movimento irresistível agitava sua população semi-servil; camponeses fugidos da gleba engrossavam-na e se conjuravam com os habitantes para a libertação da cidade que, desde então, tomou o nome de comuna, sem esperar que uma carta real ou senhorial lhes outorgasse este título. Confiantes na força que lhes dava a união de todas as vontades para um mesmo fim, os membros da nova comuna declararam aos senhores do lugar o ato de sua liberdade futura. Os senhores resistiram; houve combate, depois transação mútua. E foi assim que a maior parte das cartas foi redigida; uma estipulação em dinheiro tornou-se a base do tratado de paz e uma espécie de pagamento pela independência (OLIVEIRA e MENDES, 2005: 75).

As pessoas que ocupavam a cidade- servos e camponeses -foram quem lutaram pela emancipação das comunas no século XII. Na maioria das vezes, não foi os senhores nem os reis que as criaram, mas sim, a força daquelas pessoas que ocupavam aquele espaço, pois elas mesmas criaram as bases da lei da comuna.

As comunas se estabeleciam através de lutas dos servos contra os senhores, na maioria das vezes. Mas houve algumas comunas que seu fundador foi o senhor, com carta redigida por ele, relatando sobre sua comunidade.

Acima da diversidade quase infinita das mudanças que ocorreram no século XII, no estado das cidades, grandes ou pequenas, antigas ou recentes, paira um mesmo pensamento, por assim dizer, o de devolver ao regime público da cidade tudo o que tinha caído pelo abuso ou vivia, pelo costume, sob o regime privado do domínio. Este pensamento fecundo não se deixou deter nos limites de uma revolução municipal; nele estava o germe de uma série de revoluções destinadas a destruir completamente a sociedade feudal e a fazê-la desaparecer até seus menores vestígios (OLIVEIRA e MENDES, 2005: 101).

Essa luta dos servos contra os seus senhores pela sua liberdade, que buscava a extinção do regime feudal, não foi tão fácil, o feudalismo não deixou de existir rapidamente, foram alguns séculos para que isso acontecesse.

Algumas reproduziram, no número de seus magistrados eleitos, combinações análogas às que tinham apresentado o regime das cúrias galo-romanas; outras simulavam, na sua constituição, de um modo uniforme, o governo de quatro pessoas escolhidas, cada ano, pela totalidade dos cidadãos, exercendo o poder administrativo e judiciário sozinhas ou com a assistência de um certo número de notáveis (OLIVEIRA e MENDES, 2005: 99).

As pessoas das comunas tinham alcançado liberdade para escolha civil e política, mas ainda sem ter total força, pois para a época se tratava apenas de atitudes inovadoras. É certo que os mercadores e artesãos foram responsáveis por essa organização das leis nas comunas.

Com as comunas, novas exigências sociais surgem, o comércio floresce e com ele o mercador busca se legitimar, relata Le Goff (1980).

Percebemos que por volta do século XII, principia a acontecer uma mudança na forma de pensar dos homens, abrindo lacunas na estrutura mental tradicional. E através das novas condições sociais e econômicas, o lado espiritual se abala.

Neste aspecto, e durante muito tempo, ele só necessitou de submissão à ordem da natureza e de Deus e só teve, como meio de acção, a oração e as práticas supersticiosas. Mas quando se organiza uma rede comercial, o tempo torna-se objecto de medida (p. 51)

O mercador passa a depender das condições do clima para atuar na sua atividade profissional. Ele volta sua atenção para as viagens- quanto tempo pode demorar, se é por mar ou terra, qual o trajeto- e como essas podem influenciar nos preços das mercadorias.

Por meio do tempo natural ,que é imprevisível, o mercador cria um novo tempo que ele orienta e prevê, pois a chuva e a seca influenciam diretamente nos preços e, se ele vê que pode chover evita determinadas atividades que podem ser prejudicadas.

Mercadores e artífices substituem este tempo da Igreja pelo tempo mais exactamente medido, utilizável para as tarefas profanas e laicas, o tempo dos relógios. Na ordem do tempo, estes relógios, erguidos por toda a parte face aos sinos das igrejas, são a grande revolução do movimento comunal (LE GOFF, 1980: 53).

Em meados dos séculos XII e XIII, o sino da Igreja passa a ser o relógio dos artesãos e mercadores para suas atividades econômicas, sociais e políticas. Para esse novo homem o tempo tem seu preço. "O mercador cristão sente-o como um outro horizonte da sua existência. O tempo no qual ele age profissionalmente não é o tempo em que vive religiosamente" (LE GOFF, 1980: 55).

Para realizar as transações comerciais ele precisa usar a razão: ler, calcular, possuir conhecimento geográfico e de línguas. O homem busca uma nova forma de aprender, além do *trivium* e do *quadrivium*[2], devido a sua nova vida na cidade, às novas atividades . O mercador precisa da escrita para fazer contratos comerciais, o latim já não é tão útil, ele precisa saber a língua de onde ele faz suas transações comerciais e a língua mais comum era o francês. A aprendizagem do cálculo passa a ser de suma importância, o comprar e vender obriga ter esse

conhecimento. E para visitar as regiões onde há comércio, há a necessidade de saber a localização dessas regiões, daí a importância de aprender geografia.

A navegação penetra em regiões remotas, adentra litorais nunca vistos, percorre desertos horríficos, e estabelece relações humanas com povos bárbaros e com línguas desconhecidas. Este tipo de dedicação reconcilia as nações, aplaca as guerras, consolida a paz, e transfere os bens privados para o uso comum de todos (SAINT VICTOR, 2001: 117).

O comércio do século XII tinha uma certa dependência da navegação, que comprava, vendia e trocava as mercadorias domésticas e estrangeiras. Saint Victor coloca que para seguir essa profissão é necessário possuir a arte de falar, possuir a retórica. É necessário conhecimento geográfico para navegar. Sendo assim, o mercador revolucionou a forma de ensino, por uma questão de necessidade.

Portanto, no século XII, as cidades estão florescendo, há trabalhos especializados e a escola vem fazer parte do trabalho da cidade, pois ela passou a ter definições como, suas tarefas e o tempo de trabalho do professor. O Concílio de Latrão[3] de 1179, foi o início da expansão das escolas, pois estabelecia que em cada catedral teria de haver uma escola. É nessas escolas que se encontram os 'intelectuais' medievais, ou seja, os mestres, professores e letrados.

Seja como for, se aprender a ensinar teologia era considerado o remate, o prêmio da doutrina e da carreira do intelectual, de facto, e em alguns casos muito em breve, as disciplinas que pertenciam aos cursos preparatórios (as disciplinas das artes, a medicina e o direito), saíram do ensino propedêutico e tornaram-se autônomas, (BROCCHIERI, 1989: 129).

As disciplinas que eram ensinadas nas escolas do século XII, seguiam as estruturas antigas das sete artes liberais, ou seja, o *trívium* e o *quadrívium* fundamentado na teologia. Mas aos poucos, ainda no século XII, essas disciplinas se ampliam através de novas fontes e as sete artes liberais acabam por passar por uma mudança na sua estrutura se abrindo em novos campos de investigação, as discussões do período em breve levariam a um questionamento dos conceitos científicos.

A escolástica também começou a tomar forma de ensino muito antes e, no século XII já tem um grande espaço conquistado nas escolas, atingindo seu ápice no século XIII.

Ilich (2002) coloca que no século XII é quando acontece a revolução do livro, a 'cultura livresca'. O comércio é que propicia isso, o trabalho do copista é facilitado com o papel que vem da China e com a adoção da escrita em itálico e, o copista passa a atender encomendas de juristas, senhores, mercadores e bibliotecas. Juntamente com o Livro da Revelação, está agora os livros de pesquisadores e professores com uma nova estética, já parecido com os livros de hoje. O homem está aprendendo a manusear os conhecimentos escrevendo, lendo e ensinando e, Saint Victor é quem instiga o homem do século XII a ler de tudo, inaugurando a era do livro. Hugo de Saint Victor instiga seus alunos para a indagação, a disputa, o debate, para as incertezas do conhecimento da natureza que principiava a ganhar corpo no ambiente intelectual que se desenvolvia nas escolas. Aliás, esse movimento nada mais é do que o amadurecimento crescente da Escolástica que dominaria todo o sistema de ensino do século XIII, nas universidades.

Verificamos que Ivan illich em *En el viñedo del texto- Etologia de la lectura: un comentario al "Didascalicon" de Hugo de San Victor* (2002), o autor faz reflexões sobre o que o Mestre Vitorino deixou escrito a respeito de como se fazer uma leitura. Comenta sobre como uma boa leitura pode trazer a sabedoria, a iluminação e a importância da memória e da história na interpretação de um texto.

Assim sendo, verificamos a partir *Da arte de ler* a história na sua totalidade, ou seja, o indivíduo na sociedade, na construção mental e material. Saint Victor permite que vejamos o momento da história no século XII percebendo seu movimento, isto é, que a história é dinâmica.

No que diz respeito à prática pedagógica, os homens medievais viveram e realizaram uma forma de ensino que esteve diretamente vinculada à forma de ser da sociedade logo, devemos aprender com eles que não existem ações e práticas pedagógicas fora da realidade presente e vivida.

REFERÊNCIAS

BROCCHIERI, Mariateresa Fumagalli Beonio. O intelectual. In: LE GOFF, J.O *homem medieval*. Porto: Presença, 1989.

GUIZOT, François. *História da civilização na Europa*. Lisboa: Livraria Editora e Oficinas Typographicas e de Encadernação, 1907.

ILLICH, Ivan. *En el viñedo del texto- Etologia de la lectura: un comentario al "Didascalicon" de Hugo de San Victor*. México: Fondo de cultura econômica, 2002.

LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média- tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Lisboa: Editorial estampa, 1980.

MACHADO, Maria Cristina Gomes & OLIVEIRA, Terezinha (Org). *Educação na História*. Editora UEMA: São Luís, 2008.

OLIVEIRA , Terezinha & MENDES, Claudinei Magno Magre (Org). *Formação do terceiro estado - as comunas - coletânea de textos François Guizot, Augustin Thierry, Prosper de Barante*. Eduem: Maringá, 2005.

SAINT VICTOR, Hugo de. *Didascalicon- Da arte de ler*. Petrópolis: Vozes, 2001.

[1] Trabalho orientado pela Prof. Dra. Terezinha Oliveira- UEM- DFE/PPE.

[2] O ensino se assentava até então na divisão de disciplinas entre trívio e quadrívio, sistema que remonta à Antiguidade Clássica. O quadrívio, que corresponderia às atuais ciências exatas, agrupava aritmética, geometria, astronomia e música, e o trívio, aparentado à idéia de ciências humanas, reunia a gramática, a retórica e a dialética.

[3] A Assembléia se reuniu na basílica do Latrão de 5 a 19 de março de 1179 para tomar as providências exigidas pelas circunstâncias. O Papa Alexandre III confirmou as decisões do Concílio.